

Evocando o mártir de Montjuich

Faz hoje precisamente 16 anos que Francisco Ferrer foi fuzilado em Espanha. É inútil vir referir que o grande apóstolo da educação racionalista estava inocente de todas as acusações que levaram um tribunal excepcional a condená-lo à morte.

A revisão do seu processo já foi feita e ela demonstrou a sua inocência declarando-o isento de culpa. Mas a revisão do processo não teve o poder de ressuscitar um morto—um morto coberto de glória—e um dos grandes argumentos contra a pena de morte é exactamente esse: a impossibilidade de se reparar uma injustiça.

Não foi Ferrer que foi julgado, mas sim a educação racionalista. Condenaram Ferrer supondo que, mandando-o fuzilar, com ele desapareceria a Escola Moderna. Sintetiza estupidez! Como se doze espinhadoras que puderam abater uma das rebeldias mais nobres e intelectuais de Espanha, fossem capazes de deitar abaixo um método de ensino! Só em Espanha se aceitaria a doutrina da Igreja da idade média, segundo a qual uma heresia morreria desde que se exterminasse todos os heréticos.

A perseguição à ideia só podia ter sido intentada num país em que a maioria da população tem, como, características psicológicas o fanatismo religioso e a mais servil das resignações. Nada adiantou a Espanha oficial, a Espanha de Afonso XIII, pseudônimo do jesuíta Torres, que é o verdadeiro rei, a Espanha dos frades corrompidos e dos generais palacianos, cuja ferocidade bárbara, comprovada em sangrentas represões, corre parelhas com a cobardia com que fugiram diante das multidões, dos cubanos, dos filipinos, dos norte-americanos e, mais recentemente, diante dos marroquinos, em assassinar Ferrer.

A morte de Ferrer foi a condenação de Espanha. O mundo inteiro, exceptuando os bando capitalistas e reacionários que são minoria privilegiada mas infima, ergueu-se num clamor de indignação que fez esquecer as fronteiras fazendo rugir de medo e raiva impotente as feras de sotaina e de farda. O mundo inteiro teve um belo estremecimento de revolta que vingou Ferrer, que promoveu uma formidável apoteose à

Estão-se realizando em Portugal touradas com touros de morte

Há muito tempo que elementos conservadores, alguns que se dizem católicos e tementes a Deus, vêm sustentando uma campanha antípatica a favor de um espetáculo regressivo e bárbaro— as touradas com touros de morte.

Abusando da incultura da multidão, pretendem servir-lhe um espetáculo imoral que longe de educar e de estimular os bons sentimentos do povo, antes o leva ao habitual pernicioso de encarar a vida pelo seu lado violento.

Essa campanha persistente, quase constante tem feito, por vezes, hesitar as próprias autoridades e algumas há que não ocultam a sua simpatia e a sua concordância com a barbaridade que há muito fôrça nos nossos costumes.

Em Lisboa, onde a campanha altruísta contra as touradas encontra uma forte corrente de opinião pública, não têm os adeptos do sangrento espetáculo alcançado os seus fins.

No província, porém, onde o povo é mais inculto e onde os senhores da lavoura e do capital se permitem transgredir mais à vontade as poucas leis justas do país, estes barbares encontram mais fácil terreno de desenvolvimento.

Assim, há dias, em Vila Franca de Xira realizou-se, na presença das autoridades que não tiveram coragem de resistir ao pedido imoral dos que têm interesse em matar touros, uma tourada com touros de morte.

Foram abatidos na arena dois cornudos decerto mais inofensivos e mais típicos do que os homens que, num delírio feroz, exageraram a sua morte.

Os jornais de grande circulação, que tanto gostam de fazer a apologia de tudo que contribui para a desmoralização popular, não conseguiram disfarçar a sua satisfação no resultado do crime.

Pretende-se a necessidade do revigoramento da raça para defender as touradas com touros de morte. Para revigorimento da raça precisa-se de balneários, de cursos de ginástica para a infância, de divulgação de princípios de higiene, de fábricas instaladas com todas as condições de salubridade, de defender a criação da exploração fabril, de proteção eficaz às mulheres nas oficinas. Isso sim, isso seria benéfico para a raça. As touradas, porém, apenas contribuem para definha-la ainda mais, principalmente na parte moral que tão abandonada está dos poderes constituidos.

E não sabemos se, a esta hora, do ministério do Interior partiu, em vez dum decreto mais inofensivo e mais típico do que os homens que, num delírio feroz, exageraram a sua morte.

Este acontecimento que encheu de prazer os reacionários não pode passar sem o nosso veemente protesto.

Não podemos consentir que em nome da tradição inadmissível se dê ao povo

Os rifeiros preparam uma forte ofensiva

FEZ, 12.—Segundo notícias recebidas nesta cidade Abd-el-Krim está concentrando 15.000 homens na região de Ait Kemana, comandados pelo próprio chefe rifeiro e pelos seus dois ajudantes, seu irmão e El Azevedo.

O chefe rifeiro parece disposto a atacar as tropas espanholas que tomaram Adir, visto aquela concentração distar apenas 2 léguas e meia da antiga capital do Riff. Outras informações dizem, porém, que procurará um êxito sobre as tropas francesas de Kifano.

Vários parentes e partidários do Oaid Mohamed Azerkane e doutros notáveis executados por ordem de Abd-el-Krim, voltaram-se abertamente contra o chefe rifeiro.

Os rifeiros mostram uma certa actividade na zona de Bibane, depois de reagruparem as suas forças derrotadas pelas tropas francesas.

Condenação de dois comunistas na Alemanha

BERLIM, 12.—O tribunal de Essen, após duas semanas de debates, condenou a dois anos e três meses de prisão os dois comunistas Gehrmayer Zelthemat, acusados de terem tomado parte activa no movimento separatista da Renânia. O terceiro acusado foi absolvido por falta de provas.

Nos seus considerando da sentença, os juizes protestaram contra a campanha levantada por certos jornais, que acusam os rifeiros de favorecer os interesses da França.

A atitude da Federação Marítima

Mais uma associação que rompe

Na assemblea de ontem, a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante resolveu, por grande maioria, desligar-se definitivamente da Federação Marítima.

espectáculos que apenas o educam no culto da violência e do crime.

Pretende-se a necessidade do revigoramento da raça para defender as touradas com touros de morte. Para revigorimento da raça precisa-se de balneários, de cursos de ginástica para a infância, de divulgação de princípios de higiene, de fábricas instaladas com todas as condições de salubridade, de defender a criação da exploração fabril, de proteção eficaz às mulheres nas oficinas. Isso sim, isso seria benéfico para a raça. As touradas, porém, apenas contribuem para definha-la ainda mais, principalmente na parte moral que tão abandonada está dos poderes constituidos.

E não sabemos se, a esta hora, do ministério do Interior partiu, em vez dum decreto mais inofensivo e mais típico do que os homens que, num delírio feroz, exageraram a sua morte.

Este acontecimento que encheu de prazer os reacionários não pode passar sem o nosso veemente protesto.

Não podemos consentir que em nome da tradição inadmissível se dê ao povo

A CONFERENCIA DE HOJE A arbitrariedade das deportações sem julgamento

Pelo dr. sr. Orlando Marçal

Promovida pela Comissão Pró-Regresso dos Deportados realiza-se hoje, pelas 21 horas, no Salão da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma conferência contra a monstruosa iniqüidade das deportações.

Que nenhum operário falte a afirmar com a sua presença a repulsa contra um crime do poder, praticado com a certeza da impunidade e com o desejo de servir os ódios dos reaccionários de todos os matizes e de conquistar as boas graças da rua dos Capelistas!

As mentiras do sr. Botelho Monis, as patacoadas de "O Século" e o operário "canhoto"

Surge-nos agora o sr. Botelho Monis, com um livro que se abstive de nos enviar—provavelmente por só considerar imprensável—que não pode ser escrito no público, Maura hoje chama-se Primo de Rivera. E o Primo de Rivera de hoje é tão reaccionário que Maura de ontem cortou relações com ele. Só algumas regiões de Espanha o operário se libertou espiritualmente da reacção e veio afirmar, por inspiração melhor o bafejaria em Badajoz,—na Badajoz de azougueadas e tentadas beldades.

Não lemos o livro, nem conhecemos as tonadilleras baratinhas que são metade da inspiração do seu autor. Mas A Epoca e outros jornais monárquicos que muito agradam às suas convicções inflexivelmente republicanas—onde história os acontecimentos que deram origem ao 18 de Abril, livro que não pode ser escrito no forte da Graça, por o seu autor entender que a inspiração melhor o bafejaria em Badajoz,—na Badajoz de azougueadas e tentadas beldades.

Conduzi-se em Lisboa com uma unidade militar, há poucos anos atrás, certos acontecimentos de natureza revolucionária e sindicalista que, pela repercussão resultante na opinião pública, obrigarão um governo a mandar proceder a um inquérito.

Conduzi-se com elevado espírito de equidade por um oficial, ex-comandante de certo quartelamento próximo do Parque Eduardo VII—chegou-se à conclusão de existência de «entendimentos entre o governo e elementos de C. G. T.», dos quais os referidos acontecimentos eram uma conseqüência.

Não sei se houve ameaça de publicação de quaisquer factos no caso das averiguações prosseguirem: Mas é um facto incontestável ter certo dia o ministro da Guerra sr. Alvaro de Castro*, pela sua repartição do gabinete, mandado uma nota confidencial ao oficial sindicante, convidando-o a deixar passar em claro os factos que averiguaria—e a chegar a conclusões anódinas.

*Para abafar o escândalo de indignas ligações do seu governo, (Alvaro de Castro) com estes organismos (Batalha e C. G. T.) estando um nobre e distinto oficial superior, seu amigo e sua vítima, o falecido major Azevedo, a levantar uma sindicância a certos acontecimentos graves ali passados, uma nota confidencial do ministro da Guerra Alvaro de Castro, mandou abafar tudo. Esta nota existe.

De que unidade militar se trata? Que acontecimentos de natureza sindicalista e revolucionária se deram? Em que consistiam as ligações do governo Alvaro de Castro com a C. G. T. e A Batalha?

Não o diz o sr. Botelho, no que enfieira ao lado de todos os outros revoltos de 18 de Abril que acusam toda a gente gratuitamente sem apresentar provas e que falam absolvidos por falta de provas!

O ataque aos adversários tendo a caluniar por arma é um mau sistema que só pode ser usado por quem possua um mau carácter. Além de que a verdade nunca saiu dos lábios dum despeitado. E o sr. Botelho Monis ainda está despeitado pelo facto de nos alvares do sidonismo, ter vindo à U. O. N.—a antecessora da C. G. T.—fazer, por sua iniciativa, um discurso pedindo, suplicando, em todos os tons, com meigas intflexões de voz, próprias mais dum tenor de opereta do que dum fardado subido de Marte, que fossem aceites os entendimentos que ele com tanto empenho desejava com a organização operária portuguesa.

A resposta que recebeu foi uma negativa absoluta, feita com a delicadeza com que alias sempre tratamos as pessoas que nos procuram. O sr. Alvaro de Castro é que nunca ali veio propor-nos entendimentos nem fazer discursos para a tal nos arrastar. E lamentável que o sr. Monis censure os outros as acções que só ele praticou.

O sr. Monis não é forte em serologia, pois no seu livro afirma que a questão social nasceu dum homem, afirmação tão disparate como o dizer-se que a humanidade veio do ventre dum única mulher.

O sr. Monis escreveu essas enormidades perturbado por Badajoz resultando disso o haver no seu livro espanholadas a mais e tacaninhos a menos. Sintetizando: o sr. Castiódio de Mendonça aparece de cabeça aberta, escorrendo sangue. Muita gente viu o estranho espetáculo e contou-o à boca pequena. Soubemos, assim, que alguém que de perto pertencia a uma senhora dactilografia a desgravava, por aquela forma contínente, dum grave ofensa que o sr. Castiódio de Mendonça, antigo socialista e recentemente governador de Queluz, tinha.

Um escândalo... * * *

O sr. Trindade Coelho passou a ser um triste exemplo de audácia cínica. Não nos admira pois que, tendo resvalado numa insensibilidade moral deplorável e nefasta, escreveu um artigo dedicado aos operários, falando-lhes prolíxamente e confusamente de Karl Marx, das cargas das legiões napoleónicas, da Magna Carta, da nomenclatura do Comte, no pensamento de Sérvio Tullio, na lei das Doze Tábuas, nas orlas agitadas do Mediterrâneo e do Adriático, nos novos Gracos, nos novos Mários, no vínculo económico e animismo que liga o homem à família, nas

A opinião insuspeita de Rocha Martins acerca das deportações sem julgamento

Rocha Martins estabeleceu, numa crónica literária, um paralelo entre as deportações ordenadas por Vitorino Godinho e a repressão feita em França após o esmagamento da Comuna de Paris. O paralelo que Rocha Martins estabeleceu com exactidão e eloquência constitui um libelo contra as deportações homicidas ordenadas por um político sem inteligência e sem escrúpulos.

Lamentamos que a falta de espaço só nos permitiu transcrever, com a devida vénia, do Diário da Tarde, algumas passagens da admirável crónica de Rocha Martins:

“Não conheci o denominado Bella-Kuhn, legionário vermelho; tampouco jâmai vi o Avante; dos deportados para a Guiné só de um tenho notícia que não é de molde a dar-lhe mau cunho. A informação detalhada da morte de alguns dos proscritos não me trouxe, todavia, essa alegria que vi espalhada em certas faces de pessoas bem instaladas na vida nem a meus lábios, habitados a dizer só a verdade do meu sentir, acudiram palavras jubilosas que a outras ouvi. E que do fundo da minha razão não admite condenados sem julgamento como não concebo castigos de juízes, após as suas sentenças, por não serem consentâneas com o sentido do poder. Arremessar para um clima inóspito um homem, que ninguém julga em tribunal, equivale a rasgar os direitos da justiça; é tão iníquo como esmagar juízes que dão seus pareceres em consciência. A justiça deve ser, como a Liberdade, uma só para todos. Quem as deixa torcidinhas não é democrata, não pertence mesmo à alcunhada reacção bem intencionada. Isto vem a propósito do degrado sem julgamento, da morte de alguns dos enviados para a Guiné e a comemorar a data em que Rochefort foi julgado pelos militares que fundaram a República Francesa.

Em 1871—18 de Março—os comunistas instalararam-se em Paris. Dentro em pouco reinava a confusão e o terror. Os republicanos estavam em Versailles com Thiers, antigo ministro do rei Luís Filipe, e os altos vencedores acampavam a pouca distância da capital. Uma guerra de exterminio se travou. Desarrasava-se a cabeca do mundo. Depois de tonta pelo champagne das imperiais putascudas turvava-se com a pólvora bebida no álcool dos cabarets e diáfua no excitante dos principios que já não se respeitavam. Os idealistas caíram, ante o passo do universo aterrado, vencidos pelos ambiciosos. Rochefort fôr acusado pelos comunistas, ele, o grande paladino da revolução; generais improvisados ornados de galões até aos ombros, rugiam as suas cóleras enquanto outros os intrigavam aguardando o seu fusilamento. Demoliaram-se estatús e mulheres estranhas—as feras das fábricas da guilhotina—iãs Halles fazer as compras em carruagens das Tuilierias. Os principios enxovalhavam-se e definhavam-se. A orgia militarista sucedera ao regabofe populacioso dos seus imitadores. E, no meio deste singular tumulto, destes tuivos ferinos, em que as acusações subiam, os pálidos crentes na redenção do mundo pela bondade envolviam-se ante os horrores. Seus lábios desmaiados não pôde

mais um monopólio na força... e este irá recuar, especialmente, sobre os papás e as mamás dos bêbes guloso. Nós cá estamos para pagar indirectamente... Uma associação operária... Vai formar-se em Coimbra uma colectividade a que, por esperteza jesuítica, se deliberou chamar Associação Operária. É uma obra fomentada por criaturas que adoram o Coração de Jesus e acreditam nos milagres de Santa Izabel. Quem aprovou os estatutos foi o sr. Bispo-Conde e quem se elegeu para presidente foi o dr. Serras e Silva. Estamos vendo daqui que bela obra de desmoralização religiosa poderá fazer essa estranha Associação Operária, cujos dirigentes são os operários Bispo-Conde e dr. Serras e Silva.

A hora literária
O sr. Ferreira do Amaral, cuja boca literária é uma flagrante realidade, botou mais uma epístola num jornal da tarde. Convenceu-se de que o seu país não pode passar sem a sua prosa e ei-lo, não no intuito de patentear perante a admiração do público as suas delicadas ironias e elevados conceitos, mas na louvável intenção de orientar os seus contemporâneos, escrevendo compridas laudas que se têm com muito interesse. Sua ex.^a conta inúmeros admiradores, entre eles, o mais modesto, evidentemente, o pobre sapateiro remendão que se lamenta de não possuir tanto brilho literário como o ilustre comandante da polícia para melhor o elogiar e apreciar em público...

Continua a detenção dum espanhol
A-pesar de estar perfeitamente provado que não existe motivo para conservar por mais tempo preso o subdito espanhol, há muitos anos em Portugal, José Sanchez, ainda se verifica a sua libertação. Não sabemos a que oculta mola obedece esta estranha perseguição que há muito deixa de cessar.

Está, o que parece, empenhada a polícia em conservar na triste situação de detido um homem cuja situação é bem regular, conforme atestam inúmeras criaturas das mais opostas políticas e opiniões e muito principialmente comerciantes que com ele privam e negociam. Ser-nos-á grato não ter de aludir outra vez a este caso arrumado, mas que as autoridades procuram, ao que parece, embrulhar cada vez mais.

Julgamento
Realiza-se hoje, no tribunal da Boa-Hora o julgamento do operário Emídio Rodrigues Pinho, que se encontra há tempo na cadeia de Limoeiro. E' seu defensor o dr. Campos Lima, advogado do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade. Ningém, absolutamente ningém pode defender esse horrível processo de suplício, fundamentando-nos códigos ou em qualquer princípio da humanidade. Ningém, absolutamente ningém pode ou deve defender a permanência no governo civil dos presos que ali se encontram há mais de quatro meses, dormindo sobre tapetes ingerindo uma repugnante mistela a

que dão o nome de ração. Não há muitos dias que os preços tiveram que recuar o rancho tal a repugnância que ele causava. Dizemos que essa potreia foi dada aos suínos que por sua vez a recusaram. As latas e os taboleiros onde vai esse rancho causa náuseas. Os moços que os conduzem é gente ascosora recrutada para o efeito e nem humas noções de civilidade e limpeza têm! E é sob este regime de miséria e de sofrimento que dezenas de operários vivem uma vida de oprição há mais de quatro meses, sem que sequer conhecem quando termina a sua odisséia, cruelmente imposta pela polícia de capital.

Isto no referente às condições higiénicas dos *in-paces* do governo é certo. Mas há mais e não menos doloroso. Pesa sobre elas a ignominiosa e miserável arrogância dos seus carcereiros, que envergonham em brutalidade qualquer carrasco de Burgos.

Ainda há dias deu entrada numa desses imundos calabouços um pobre louco — que diz ser romeno — e cujos acidentes não vão além de gritaria. Foi-lhe consentido que passeasse nos corredores que dão acesso aos calabouços. A polícia, não tendo pela sua infelicidade o menor respeito, vestiu-lhe um colete de fórcas e tem-lhe aplicado tão formidáveis muros que o desgarrado apresenta o rosto num estado miserável e o colete de fórcas ensanguentado.

Do espancamento até ao fuzilamento, contra remédios para todos os males esta odiosa polícia.

Tudo isto se passa no edifício onde há um funcionário que há pouco disse na imprensa que ia proceder-se a um inquérito para se apurar se houve espancamientos a presos, como se disse. E tudo isto se passa num regime democrático que tem por presidente do ministério um homem que fora do governo tão liberal se apresentava. Os políticos são sempre assim!

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

A greve dos marítimos ingleses é secundada em vários países

Conforme já dissemos, os marítimos ingleses revoltaram-se contra os seus «leaders» e contra os armadores, abandonando o trabalho, por motivo de parte dos chefes da sua união terem aceite a redução de 50% nos salários, sem contemplarem terem aprovado a aprovação de toda a classe.

A greve foi espontânea, e afectou os maiores portos da Inglaterra, tendo sido também secundada pela maior parte dos portos das colônias inglesas.

Assim na Austrália a greve foi total, tendo as autoridades federais aprovado leis especiais para deportar os representantes das organizações marítimas. Em Sidney, capital da Austrália, realizou-se uma grande manifestação de simpatia a favor dos marítimos em greve, na qual tomaram parte mais de quinze mil trabalhadores, que aprovaram moções, ameaçando com a greve geral, no caso em que se chegassem a deportar os dirigentes da greve.

Na Cidade do Cabo, União Sul Africana, recorreu-se ao sequestro dos tripulantes, mas perante a sua negativa de trabalhar os vapores viram-se obrigados a voltar ao porto.

Na Nova Zelândia intentou-se deportar Jack Lyons, delegado dos I. W. W. num barco australiano, mas perante as ameaças dos trabalhadores não o mandaram para os Estados Unidos, como desejavam.

Os principais portos da Índia Inglesa e da China paralisaram, tendo-se estendido também a greve aos portos do Canadá e Antilhas Inglesas.

Também a greve se estendeu aos Estados Unidos, logo que a União Industrial dos Marítimos recebeu um telegrama, dando-lhe notícia da greve, e pedindo o seu auxílio. Foi enviada cópia deste telegrama a todas as secções, e a do porto de Nova York foi a primeira a votar por unanimidade, as outras não se demoraram a responder, secundando o movimento.

A chegada a Nova York do «Majestic», tripulado por amarelos e marítimos da reserva, organizou-se uma manifestação, na qual tomaram parte mais de mil pessoas, levando grandes cartazes, nos quais se exibia o seu mau procedimento. A polícia dissolviu a manifestação, mas os grevistas conseguiram que a maior parte dos tripulantes se envergonhassem da sua ação e abandonassem o vapor no porto de Nova York.

No porto de Mobil, ao ser declarada a greve, foi abandonado o único barco que estava no porto, porém, a polícia não podia passar sem sair em defesa dos exploradores, e assaltou a secção local, levando presos o secretário e os que ali se encontravam. Telegrafou-se para Nova Orleans, e daquela pôrto saíram reforços para manter a associação aberta e intacta a linha de defesa dos grevistas.

A União Industrial dos Transportes Marítimos aproveitou a greve para reclamar o estrito cumprimento das condições obtidas por ocasião da greve de 1923.

A União dos Marítimos da China também tem paralizado nos portos de Xangai, Hong-Kong e Cantão tudo quanto à nação inglesa se refere, estando portanto em luta contra os exploradores ingleses marítimos de todos os pontos do globo — brancos, pretos e amarelos.

COMISSÃO TEÓFILO BRAGA

Sob a presidência do dr. sr. Magalhães Lima, reuniu a Comissão Teófilo Braga, resolvendo solicitar à Câmara Municipal de Lisboa que a Travessa de Santa Gertrudes passe a denominar-se *Rua do dr. Teófilo Braga*, visto a actual denominação não ter justificação topográfica, e atendendo que na casa n.º 70 residiu durante alguns decénios o operário escritor que aí escreveu a primeira história da literatura portuguesa.

Mais resolveu solicitar que a inauguração da nova nomenclatura seja em 28 de Janeiro de 1926, data do 2.º aniversário da morte do dr. Teófilo Braga.

Nesse dia será lançada a primeira pedra para o monumento que a Comissão lhe deseja erigir por subscrição pública.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Grupo «Acaso». — No recinto 1.º de Maio, em Benfica, realizou-se no passado domingo o 6.º jantar deste grupo, que decorreu com grande animação. Todos os convidados exteriorizaram o seu contentamento pela maneira inteligente como a direcção organizou este jantar e pela forma agradável como foram servidos no recinto referido pelo seu proprietário.

A comemoração do assassinato de Francisco Ferrer

Uma data

Eramos bastante novos, porém o clamor então produzido teve o poder de impressionar-nos — guardando-nos hoje, como réquias e incentivo, a dolorosa impressão que recebemos, e que urge, neste dia recordar, para que jamais esqueça.

Mataram Ferrer! Mataram Ferrer! — ouviamos dizer entre assomos de indignação e protesto, como a vincular bem a infâmia cometida.

E todos os anos, em Outubro, *mataram Ferrer! mataram Ferrer!* feria os nossos ouvidos, gravando, cada vez mais forte, mais profundamente, essas palavras que para todo o sempre hão-de acender almas e conquistar adeptos, no triunfo da Ideia — a ideia que Ferrer y Guardia o professor apostolo dum doutrina nova erguer alto para iluminar o Mundo, meio corrido pela mentira religiosa que fanatiza e destroi!

Mas então não compreendiamos nós o que de infame e monstruoso tinha sido essa morte. Só mais tarde, quando começámos a entrar na vida, *mataram Ferrer!* para nós desconhecer se acorreu. Todo o drama sangrento desde a semana trágica — em que a juventude espanhola se negava a marchar para os campos de batalha — açoque em marrocos e a correria dos padres à indústria dos operários, com barricadas nas ruas, a artilleria varrendo a mole proletária e vinte e tantos conventos pasto das chamas que lágrimas das mães e a revolta dos pais ascendiam ao fusilamento de Ferrer, dado como instigador da revolta popular, não porque o tivesse sido de facto, mas por medo à sua doutrina de emancipação humana, de clarividência para os espíritos, tudo se desenrolou ante nossos olhos atónitos. E o amargo dêsse crime invadiu-nos, tocou nossos sentimentos e abriu a inteligência...

Hoje então, o 13 de Outubro está sempre patente! E com ele o desejo ardoroso de uma vida intensa para espalharmos a grande Verdade por que tombou Ferrer.

A Escola Moderna — seu grande sonho! — supostamente aniquilada com a sua morte, vive no entanto. O povo aceita-a, adora-a enternecidamente, embalado pela sua Humanidade e vivificante Beleza.

Podem os *camelots do rei* combatê-la, clamar sobre ela as iras do papa, do céu e do inferno — a grande verdade por que subsistirá sempre, recordando-nos o que os próprios tribunais espanhóis, passado aproximadamente doze anos, tornaram público: a inocência de Francisco Ferrer y Guardia, entregando aos seus os haveres confiscados!

Porque, segundo os desejos do jesuítismo, o não deviam matar? Não!

Simples formalidades judiciais... .

Adolfo de FREITAS

Uma sessão comemorativa

Promovida pelo Núcleo da juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Metárgico, rua da Esperança, 122, 2.º, uma sessão comemorativa do assassinato de Francisco Ferrer. Usarão da palavra delegados do Núcleo, C. G. T., Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa e Comité Revolucionário pró-salvação de Espanha.

APOLÓ

Nos anais gloriosos da história do nosso teatro acaba de registar-se um grande formidável triunfo, com a representação neste palco da grande peça «Salibanco», original de A. Enes, exaltando o público o trabalho de Alves da Cunha, secundado com fulgor por Berla Blvar.

Contra o assalto à C. G. T.

Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra

Na assemblea geral do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra foi aprovada uma moção de protesto contra o assalto da polícia à C. G. T. que passamos a transcrever:

«Considerando que mais uma vez os esbirros da polícia assaltaram o edifício da C. G. T. e a *Batalha* e mais organismos operários, considerando que tal assalto representa uma afronta à organização operária em geral e aos sãos princípios Sindicalistas Revolucionários, assim como à soberania dos Sindicatos seus adherentes:

Os fogueiros resolvem:

1.º — Lavar o seu mais veemente protesto contra tão insólita como arbitrária infâmia.

2.º — Ratificar a sua confiança na C. G. T. e sua orientação, dando-lhe aquela força que a necessita para poder enfrentar os verdugos autoritários que sem respeito pelos trabalhadores violaram a sua casa.»

Juventude Sindicalista de Gouveia

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Gouveia reuniu em assemblea geral aprovou um veemente protesto contra o assalto feito pela polícia à sede da C. G. T.

Liga das Artes de Viação Portuense

A comissão administrativa da Liga das Artes de Viação Portuense resolveu protestar, por intermédio da imprensa, contra a busca feita pela polícia na C. G. T. e organismos que se encontram instalados no mesmo edifício, lamentando ao mesmo tempo que criaturas tão baixas e sem escrúpulo se sujeitem a tão vis papéis.

Enviaram-nos protestos contra o assalto à sede da C. G. T., a Associação de Classe da Construção Civil das Caldas da Rainha, Secção da Carris da Juventude Sindicalista do Porto, Associação dos Rurais de Estremoz e Associação de Classe dos Manufacturadores de Tecidos de Gouveia.

Sociedades de recreio

Grémio E. Civil do Monte. — Para discussão e aprovação do relatório das contas da gerência 9.4-925, reúne hoje, pelas 21 horas, esta antiga agremiação anti-clerical na sua sede, rua da Graça, 162, 1.º, E.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extrações sem dôr a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cautchouc». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Os ferroviários do Sul e Sueste, numa importante assemblea, apreciam o desarranjo de Aljustrel

BARREIRO, 11. — Pelas 21 horas de ontem reuniram na Casa dos Ferroviários em assemblea geral extraordinária, os ferroviários do Sul e Sueste. Esta assemblea foi requerida a fim de resolver a direcção a tomar no caso do crime de Aljustrel. Figueirinha.

Tendo sido convidado o dr. Milheiro Fernandes, director da polícia, a comparecer na referida assemblea e não o podendo fazer, fez-se representar pelo agente sr. José Augusto.

Aberta a sessão, o secretário geral informou que em 21 de Agosto, próximo passado, recebeu a comissão administrativa, das mãos de António José Piloti, tódia a documentação que há três anos vem sendo organizada pelos ferroviários, respeitante ao monstruoso descarrilamento de Aljustrel-Figueirinha.

Estes documentos, devidamente lacrados, foram no dia seguinte, por ele, entregues ao dr. Ramada Curti, advogado dos ferroviários.

O Sindicato enviou notas oficiais para os jornais sobre o assunto e numerosas anúncios a aparição dum folheto ou livro,

contendo todos os pormenores em poder dos ferroviários, na primeira quinzena de Outubro. Não houve descurramento no assunto e ainda não terminou o prazo em que esperava apresentar ao público esses dados tão preciosos para a descoberta dos criminosos. Declara também que se convidiu impresa para se fazer representar.

Miguel Correia declara ter sido o iniciador do requerimento solicitando a assemblea extraordinária. Não está redigido de forma a duvidar-se do trabalho realizado pela comissão administrativa. O seu fim foi pôr todo pessoal ao corrente do que se passa, fazendo-o conhecer todos os trabalhos realizados e a realizar e ficarem assim sabendo que, com afan, se tem tratado da questão, como é desejo de todos.

Afirmou o sr. Joaquim Lança que após o J. da Silva ter recebido uma visita misteriosa, quando se encontrava incomunicável, começou por negar tudo quanto tinha afirmado. Essa visita misteriosa deve ter sido de algum misterioso que os indivíduos a cuja guarda estava a sua incommunicabilidade devem conhecer. Se o sr. Joaquim Lança tem provas, tem indícios, apresente-os, pondo-se lado dos que querem luz e justiça.

O jornal *A Batalha* indica há pouco o nome de dois indivíduos, um com muito dinheiro e outro que usa um dr. antes do nome. Através da história da humanidade temos verificado que os crimes mais horroso, como o de que se está tratando têm sido planeados e levados a cabo pelas chamadas altas individualidades. A classe ferroviária apela para que as autoridades dêem aclaramento.

António José Piloti descreve minuciosamente o que foi o crime hediondo que há 4 anos enlutou a família ferroviária e diz: «É necessário recordar a data em que o facto se deu! A classe ferroviária não accusa ninguém, mas tem procurado desde o primeiro dia e procurará colher para o futuro todos os elementos para que luz se faça e as autoridades conciliem essas investigações, descobrindo os criminosos.

Os ferroviários não querem saber da categoria que tiverem, os ferroviários irão até ao fim, onde for necessário ir. De há muito se vem explorando em volta dos ferroviários, quando ninguém tem vibrado mais de indignação do que essa classe, quando ninguém tem mais desejo de que se faça luz e justiça do que eles. O crime foi cometido após o 19 de Outubro, justamente quando os ferroviários viam todas as suas reclamações atendidas, quando os demolidos de 30 de Setembro eram readmitidos, quando, enfim, tinham o seu galo garantido. Durante 70 dias, de 30 de Setembro a 9 de Novembro de 1920, que os ferroviários se mantiveram em greve, nunca atentaram contra qualquer comboio que os militares organizavam e não seria em tempo normal e em ambiente favorável que o iriam fazer.

Os que têm feito voltar o assunto sobre os ferroviários erraram o golpe, falhou-lhes o alvo. A quem poderia aproveitar o crime? Não está a defender-se mas sim a defender uma classe. Assustou, em nome da classe, a parte das investigações. Também assustou as homenagens às vítimas e as reuniões de protesto. Desde que o governo retirou a polícia que em Beja estava encarregada da investigação, o fundamento ridículo, irónico e criminoso, da falta de verba, caloteando ainda esses agentes, alguns ferroviários tornaram-se si a missão incumbida áquelas agências e tornaram-se polícias amadores para que se levasssem a cabo as investigações.

Há três anos que isso se faz, arquivando-se todos os documentos, que são precisos.

Fez-se o julgamento de Jacinto da Silva, em Beja, não tendo sido tocado o assunto do crime de que era acusado e havia confessado, mas sim o de vadio que não constava dos autos e por este condenado em seis meses e entregue ao governo. Este julgamento, como «O Sul e Sueste» referiu, foi tão excepcional que dava o resultado de que os ferroviários passou para as mãos da polícia. Sendo ocasião eleitoral não se sabe se as autoridades, devido à política, serão capazes de levar ao fim tão grande empresa.

Tudo está em poder da polícia. Ela hoje conhece nomes, conhece tudo. Cabe aqui uma referência ao *Diário de Notícias* quando se referiu ao agente de Coimbra.

Quando se referiu ao agente de Coimbra, quando ésses agentes foi fazer essa investigação, é porque os mesmos não têm confiado que as autoridades sejam capazes de agir, porque a nefanda política a isso obste. Porque aí não se posta precisa e completamente. Coñece os moinhos que, loucamente, redopiam e businam de serras em serras, de quebrada em quebrada, a sua dor, por trabalharem, farinhando o trigo, e sobre a terra haver, no século XX, tanto esfomeado! Vem o manto lúgubre da noite! Os raios cantam estridentemente ao redor.

E quando Louza tranquilamente dorme, os mais retardários, como não há iluminação, separam-se poços em todos os sítios. É digno registrar-se a Fonte Fria que fica num cármen, desprendendo-se a água cristalina, finíssima duma frescura que gela, dos tufo de aves.

Quando se presentem as matinas ou ave-maria, o pastor, um rapazote, andrajoso vestido ou a pastorinha, uma moça de faces rosadas, conduzem o gado laniger e caprino para os montes, os somos harmoniosos e aclarê dos chocalhos, guizos e campainhas que, de mistura com o mês... me, entoam unisonicamente o hino do repasto

MARCO POSTAL

T. Varzens, - R. S. — Recebemos 10\$00.
Seguem os números da *Renovação* para o
novo assinante.

Tomar. — Agente. — Recebido liquidado.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,44
T.	13	20	27		Desaparece às 18,02
Q.	14	21	28		
Q.	15	22	29	L.C. dia 2 as 5,23	
S.	16	23	30	Q.M. 9 • 18,24	
S.	17	24	31	L.N. 17 • 18,6	
S.	24			Q.C. 24 • 18,38	

MARES DE HOJE

Praiamar às ... e às 0,25
Baixamar às 5,28 e às 5,55

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
Madrid cheque...	2\$84	
Paris, cheque...	\$91	
Suíça, ...	3\$81	
Bruxelas cheque	\$89	
New York, ...	195\$75	
Amsterdão, ...	75\$95	
Itália, cheque ...	\$79	
Brasil, ...	2\$96	
Praga, ...	\$59	
Suécia, cheque...	5\$30	
Austria, cheque...	2\$80	
Berlim, ...	4\$70	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Politóneo — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Nipo — A's 21,15 — O Saltimbancos
Maria Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — *"Rataplan"*.
Coliseu — A's 21 — Companhia de circo.
Salão Tejo — Animatógrafo e Variedades.
Juvenal — A's 21,30 — *"Almara"* e *"A Cidadela"*.
Gil Vicente (à Graça) — A's 20 — Animatógrafo.
Irenêa Parque — Todas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema
Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esplanada — Chantecleer — Tivoli — Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócias e maciças, tubos, molas, chaminés de ferro, peças, lâmpadas, vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 60 e quiosques. Entrar pedidos a Francisco Ferreira Lata E' a casa que fornece em melhores condições.

Livros em espanhol

A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure	10\$00
La Revolución Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes)	15\$00
Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri.	2\$50
La Ucrânia revolucionária, Agustín Souchy.	1\$50
Anarquismo e organização, Rodolfo Rocker.	1\$00
Entre campesinos, E. Malatesta	1\$00
En Ucrânia, Rudenko.	1\$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume Los anarquistas (Estudo e replicado) Lombroso e Melo.	1\$00
Errico Malatesta, Max Nettlau.	6\$00
Artistas e Rebeldes, R. Rocker	9\$00
Nicolai, Romain Rolland.	4\$00
«Soviet ou Diktadura?», Varin.	1\$50
Él Estado moderno, Kropotkin	5\$00
Diktadura e Revolucion, Luiz Fabri.	10\$00
Bolshevismo e Anarquismo, Rodolfo Rocker.	1\$00
Problema universitário, Lelio O. Leno.	1\$00
La Revolucion, José Torralvo.	1\$00
Dios e o Estado, M. Bakunine.	3\$00
Paginas seletas, Multatuli.	3\$00
Ensayos e Conferencias, Pedro Gorri.	3\$00
Dos afios en Russia, E. Goldman.	2\$00
Quinet, Falaiz.	10\$00
La pena de morte, G. Alomar	1\$00

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit., R. dos Rezendeiros, 125 — LISBOA.

mas que derramava, que procurava conter, pensando nos perigos iminentes que ameaçavam a guerra!

Deve desculpar-me, Joana, eu estou mais habituada a pôr a minha gargantilha de linho do que um gorjal de ferro — dizia Madalena; — mas com o tempo, espero a vir arma-la tão prontamente como faria o seu escudeiro. Armá-la!... meu Deus! Não posso pronunciar esta terrível palavra sem chorar!... Então, sempre é verdade, vai esta manhã ao assalto?

— Vou, sim, minha boa Madalena, e se aprovou a Deus, expulsaremos daqui os ingleses, que tanto danno têm causado à boa cidade de Orleans e ao pobre povo de França.

A guerreira, ao dizer estas palavras, acabava de afivelar as correias das suas grevas por cima dos calções de pele de gato, cujo cinto desenhava a sua estatura flexível e robusta. Ela tinha, então, os ombros e o seio meio nus, apressou-se a sobrepor a câmisa entreaberta, cárdo de um casto embraço, posto que se achasse em presença dum donzela da sua idade, mas tal era o pudor de Joana, que, em iguais circunstâncias, teria corado em presença de sua mãe!... Pondo em seguida um gibão de bufalo ligeiramente estofado de crina e já um tanto enegrecido pelo contacto da armadura, ela vestiu por cima o seu corselete de ferro; Madalena atacou-o conforme, pôde, sem poder conter as lágrimas.

— Posso esta couraça protegê-la, Joana, contra a espada dos inimigos! Ai de mim! uma jovem donzela guerra! afrontar tantos perigos!

— Ah! querida Madalena, antes de partir de Vaucouleurs, eu dizia ao senhor de Baudricourt, esse nobre cavaleiro que me fez apresentar ao delfim de França: — «Desejaria mais ficar a coser e a fiar ao pé da minha mãe; mas é forçoso que eu cumpra a missão de que Deus me encarregou.»

— Que perigos tem corrido e não correrá ainda, minha querida Joana, para cumprir essa missão!

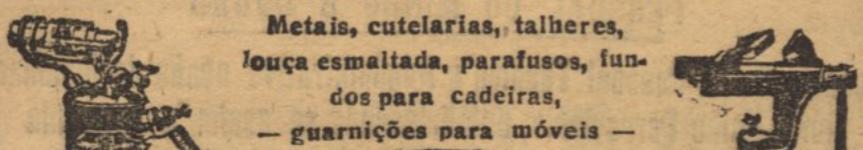
— O perigo pouco me inquieta; entrego-me a vontade do céo. . . O que me aflige é que não se apres-

Valério, Lopes & Ferreira, L.^o
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmalta, parafusos, fundos para cadeiras,
guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPAR. 86 — LISBOA — TELEGRAMAS, FERRAS 223



CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,44
T.	13	20	27		Desaparece às 18,02
Q.	14	21	28		
Q.	15	22	29	L.C. dia 2 as 5,23	
S.	16	23	30	Q.M. 9 • 18,24	
S.	17	24	31	L.N. 17 • 18,6	
S.	24			Q.C. 24 • 18,38	

MARES DE HOJE

Praiamar às ... e às 0,25
Baixamar às 5,28 e às 5,55

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
Madrid cheque...	2\$84	
Paris, cheque...	\$91	
Suíça, ...	3\$81	
Bruxelas cheque	\$89	
New York, ...	195\$75	
Amsterdão, ...	75\$95	
Itália, cheque ...	\$79	
Brasil, ...	2\$96	
Praga, ...	\$59	
Suécia, cheque...	5\$30	
Austria, cheque...	2\$80	
Berlim, ...	4\$70	

ESPECTÁCULOS

TEATROS
Politóneo — A's 21,30 — O Leão da Estrela.
Nipo — A's 21,15 — O Saltimbancos
Maria Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — *"Rataplan"*.
Coliseu — A's 21 — Companhia de circo.
Salão Tejo — Animatógrafo e Variedades.
Juvenal — A's 21,30 — *"Almara"* e *"A Cidadela"*.
Gil Vicente (à Graça) — A's 20 — Animatógrafo.
Irenêa Parque — Todas as noites — Concertos e diversões.

CINEMAS

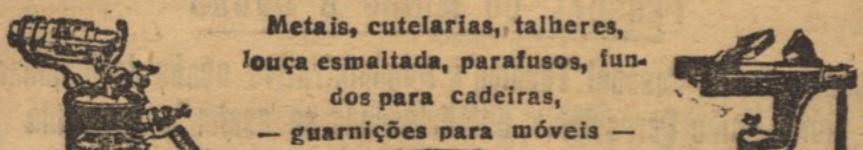
Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema
Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esplanada — Chantecleer — Tivoli — Tortoise.

Valério, Lopes & Ferreira, L.^o
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmalta, parafusos, fundos para cadeiras,
guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPAR. 86 — LISBOA — TELEGRAMAS, FERRAS 223



IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem efeitos secundários, os quais são garantidos, não tendo os efeitos de toxicidade ou de eutanásia indicados com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos

Numerosas confirmações individuais e atestam, assim, como atestados médicos

Não confundir este produto com outros similares

Envia-se oculto — Preço: 17\$00; pelo correio, 18\$00

By vendo no Agente e Depositário geral para Portugal e Colônias:

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

EM LISBOA: A. MARINHO, LIMIT., R. Eugénio dos Santos, 86 — Farmácia PORTUGAL, Lda — Rua Augusta, 218

NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENÇART, R. 31 de Janeiro, 203

BY vendas no Agente e Depositário geral para Portugal e Colônias:

PORTUGAL, Lda — Rua Augusta, 218

NO Porto: Farmácia Central de SALGADO LENÇART, R. 31 de Janeiro, 203

NO Rio de Janeiro: Fernando da Silva

188, Rua da Madal

A BATALHA

A vida e as obras de Pedro Kropotkin
descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

Dentro das quatro paredes da sua cela, o pobre prisioneiro isolado do mundo, achava todavia meios de praticar o bem e ao mesmo tempo alegrar algo sua solidão. Iodados os dias, de manhã e à tarde, recebe a visita de tempos pombas que pousam na janela para depenar confidias a comida que ele lhes atira por entre as grossas grades de ferro.

A notícia da deportação de seu irmão Alexandre desespera-o, porque crê ter sido ele a causa, visto que aquele havia regressado à Rússia ao ter conhecimento da sua detenção.

Rufugido na Inglaterra, após a sua célebre evasão, busca e obtém trabalhos de colaboração científica em publicações periódicas, que lhe permitem atender as suas necessidades sem ter que recorrer a parentes ou amigos. «Um socialista — diz — deve confiar sempre para viver no seu trabalho pessoal».

Cada dia que passa sente-se mais ligado à causa dos oprimidos. «Minhas próprias inclinações — escreve — impulsivam-me, cada vez com mais intensidade, a unir a minha sorte às das classes trabalhadoras e deserdadas. Apresentar-lhes ante os olhos tais concepções que possam ajudá-las a encaminhar seus esforços na direção que mais convenha ao interesse de todos os produtores em geral, profundiad e dar expansão aos ideais principios que hão-de servir de base à futura revolução social, desenvolvendo-os e fazendo-os compreensíveis aos trabalhadores, a fim de que influem neles, não como uma ordem emanada do chefe, mas como resultado do seu próprio raciocínio».

Essa missão que voluntariamente se impõe, convencido da sua necessidade, a realizar conscientemente e com íntimo prazer, sem que o detenham os obstáculos nem as assustem as perseguições nem as diatribes dos de cima, nem o descorçoem as ingratidões dos de baixo.

Um incidente cómico que lhe sucedeu na Suíça, prova que quando a ocasião se lhe oferecia, sabia fazer uso dum apropriad e suave ironia. Caminhava em companhia de sua esposa, por um caminho campestre em direção a uma estação ferroviária. Ao seu lado passou uma carruagem ocupada por uma dama inglesa elegantemente vestida, a qual lhes lançou vários folhetos de propaganda religiosa.

Kropotkin recolheu-os e presumindo que na estação voltaria a encontrá-la escreveu num dos impressos os versículos relativos à sorte dos ricos no reino de Deus e outras citações bíblicas em que se diz que os fariseus são os piores inimigos do cristianismo. Quando chegaram à povoação, encontraram a rica dama tomando um refresco na sua carruagem, e acercando-se Kropotkin lhe devolveu cortezmente seus folhetos, dizendo-lhe que havia juntado alguma coisa que talvez achasse útil para seu governo.

Da firmeza do seu caráter deu plenas provas durante sua vida, não apenas no sentido de realizar o que considerava seu dever moral, como ainda resistindo a imposições que considerava injustas, negando-se a subornos ou transigências com seus ideais e desprendendo-as ameaças contra a sua vida.

A estima própria, a dignidade pessoal, estava nela tão arraigada, que aos 15 anos, no corpo de pagens, os achies envolvidos em semelhantes assuntos e encerrada actualmente nesta horrível casamata?

— Cada um tem sua maneira de pensar — replica.

É as perguntas insidiosas do duque, acabado por dizer-lhe uma vez e logo repetir-lhe:

— Já lhe disse que respondi ao juiz de instrução e nada de novo tenho a juntar. Estando em Londres em 1882, dizem-lhe um dia que um homem que pretendia ser um agente do governo russo e podia prová-lo, queria entrar em negociações com ele.

Dize-lhe que se vêm a minha casa galgar a escada — foi a sua resposta.

Condenado por um tribunal de Lyon a cinco anos de cárcere, aparentemente pelo «enorme» delito de ter pertencido à Associação Internacional dos Trabalhadores, porém, na realidade, para dar satisfação ao governo russo, Kropotkin nega-se a interpor recurso de apelação. E já na prisão, esforça-se por instruir seus companheiros e estuda o sistema prisional francês, o que, unido às observações que antes fizera do sistema russo, lhe permite escrever o livro «Nas prisões russas e francesas», tremenda requisição contra um sistema penitenciário que tem por finalidade a vingança social e não a reforma do delinquente, produto do meio, chegando a triste conclusão de que as prisões são universidades do crime, mantidas pelo Estado.

(Continua)

Sacco e Vanzetti, ameaçados de morte pela justiça «yanké», não esquecem os seus camaradas vítimas do capitalismo internacional

A-pesar-dos inférmos protestos que manifestaram os povos de todas as nações contra esse atentado de lesa humanidade, a burguesia americana pretende consumar a sentença de morte pronunciada contra Sacco e Vanzetti.

E interessante notar-se que, não obstante a crítica situação em que se encontram, os dois anarquistas italianos não se esquecem dos que sofreram perseguições semelhantes às deles. Assim Vanzetti numa interessantíssima carta ao seu camarada mexicano Rivera, quemerece bem ser transcrita, diz o seguinte:

«Tomei conhecimento do caso dos nossos camaradas presos no estado de Texas por meio dum artigo sobre êste assunto, publicado num dos nossos jornais destrói pais.

O meu coração sangra, e o meu cérebro se inflama, quando me ponho a pensar no seu martírio e nos crimes e crueldades dos governos. E frequentemente penso com um sentimento de vergonha e de remor: «nos desconhecidos, nos esquecidos, nos humildes e talvez os maiores camaradas rebeldes sepultados vivos nos calabouços de qualquer país.

Esses camaradas são vítimas dum aplexo injustiça; felizmente está próximo o período em que poderão obter a sua liberdade.

Uma mulher é a governadora desse Estado — a política não corrompeu o seu coração de mãe, ou o seu sentimento de justiça, não seria difícil receber uma justa reparação da parte dela. Não poderia haver dificuldade em encontrar precedentes que justificassem o facto. Muitos dos indivíduos presos, antes e depois dos nossos camaradas, pela mesma violação da lei, acusados ou não e levados perante o jurado, foram sempre condenados a paquenas penas.

Porque não interessam os camaradas da língua espanhola e italiana — especialmente os de Nova York? Eles poderiam reunir os fundos necessários para cobrir as despesas relativas ao esforço que se faz para conseguir a liberdade destes prisioneiros. Dada a monstruosidade do caso, será fácil interessar a União Americana de Liberdades Civicas a favor dos nossos homens.

Tudo isto e o restante, deve fazer-se de inteligente maneira, e creio que se obteria

Contra a baixa de salários

Um apelo dirigido aos operários do mobiliário para ser ouvido por todo o operariado

Eu desejaria que a minha pena débil tivesse o condão de levantar, não apenas uma classe, mas todos aqueles que, oprimidos de sempre, sofrem ainda hoje as agruras do momento que passa. Eu desejaria ter um poder ciclopico que despertasse as consciências adormecidas do grande exército do trabalho, e levá-lo a reencarnar-se naquela massa uitante e conquistadora que gravou na história do movimento proletário, fulgurantes páginas de epopeia.

Eu queria que o meu *Surge et ambula* fosse ouvido por todos aqueles que, sofrendo, as várias tiranias, se mantêm apáticos e amorfificados, prestes a deixarem-se esburrigar de regalias — caras regalias havidas ao preço de grandes lutas, de momentos de angústia, de fome, de prisão e até de algumas preciosas vidas!

O operariado não pode assemelhar-se ao rei das selvas que, senhor da sua força, adormece tranquilo apôs o refastelamento, certo de voltar a refastelar-se, sempre que de tal necessita, na inconsciência do teor de poder da morfina dos seus adversários...

O operariado, possuindo a Razão, e as suas conquistas têm que ser vigiadas, cuidadas e mantidas, até que, conquistando sempre, elas consigan a carta de alforria, carta de alforria e de libertação para toda a Humanidade.

A Fôrça dos dominantes espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados; e à Fôrça se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante espereia sempre a Razão dos dominados